

EQUILÍBRIO COSTEIRO EM RISCO

# O mar perdido de Búzios

Pesquisadores fazem diagnóstico da biodiversidade ameaçada pelo excesso de turistas

RENATO GRANDELLE  
renato.grandellem@oglobo.com.br

Um balneário que vê sua população aumentar oito vezes no verão demanda cuidados especiais para suas fauna e flora marinhas. A crescente ameaça à biodiversidade com algumas espécies, inclusive, ameaçadas de extinção, a poluição excessiva e a pesca predatória reuniu especialistas da UFF, Uerj e UFRJ, convidados pelo Projeto Coral Vivo, para fazer uma radiografia das praias de Búzios. Quatro projetos são conduzidos simultaneamente: uma fazenda experimental de corais, o mapeamento 3D do fundo do mar, o registro da biodiversidade e outro especificamente sobre cavalos-marinhos (*Hippocampus reidi*), que praticamente desapareceram do balneário.

A preocupação com o diagnóstico das espécies marinhas surgiu três anos atrás, quando a prefeitura percebeu a crescente aproximação dos navios da orla. O número de embarcações também aumentou — são cerca de 300 delas na alta temporada, entre outubro e abril.

— Criamos uma área de conservação abrangendo três praias: Tartaruga, Armação e João Fernandes, além de medidas para afastar os navios da costa — explica a secretária municipal de Meio Ambiente e Pesca de Búzios, Adriana Saad. — Sabemos que as embarcações causam danos à biodiversidade marinha, por isso convidamos pesquisadores para analisar quais são esses prejuízos e traçar um retrato de nosso mar.

SINAIS DE DEGRADAÇÃO NAS PRAIAS

A área protegida é palco das pesquisas acadêmicas. É a que serve de base para todos os trabalhos é o mapeamento tridimensional do mar, abarcando principalmente dados geográficos e geológicos da região. Estes retratos da profundidade ajudam a entender a morfologia do fundo do litoral e como as espécies que habitam o leito estão distribuídas.

— Monitorando fauna e flora aquáticas, vemos alguns sinais de degradação: há uma quantidade grande de algas verdes, um sinal de poluição orgânica — alerta o biólogo marinho Gustavo Duarte, gerente de projetos do Coral Vivo. — A pesca predatória também é evidente, porque encontramos uma menor quantidade de peixes para o que é esperado numa região daquele perfil. E, embora Búzios tenha uma rede de esgoto, parte dele desemboca no mar.

A ameaça ao equilíbrio costeiro é consequência do crescimento desenfreado da cidade. Em 2000, Búzios tinha 18 mil habitantes. Em 2010, eram 27 mil — 51% a mais. A invasão de turistas no verão faz a população subir para 200 mil pessoas.

Em uma audiência pública promovida por Adriana, a diminuição dos cavalos-marinhos foi lembrada pelos participantes. O que parecia uma simples impressão foi corroborada por um novo levantamento. Pesquisadores encontraram apenas 17 indivíduos da espécie nas três praias onde eles deveriam ser mais comuns: João

Fernandes (onde havia oito indivíduos), dos Ossos (cinco) e do Canto (quatro).

Coordenadora da contagem, Natalie Freret-Meurer, pesquisadora-associada da Uerj e da Universidade Santa Úrsula, fez amostragens da espécie em 42 localidades do litoral fluminense. As praias de Búzios foram palco de um desaparecimento inédito deles.

— Não há dados oficiais das décadas de 70 ou 80, mas sabe-se que havia muito mais cavalos-marinhos nas praias buzianas naquela época — lamenta Natalie. — E essa perda de peixes ocorreu mesmo sem a espécie ter um predador no mar. O responsável é mesmo o ser humano.

A população pode variar, à medida que os indivíduos movem-se para outras regiões. Para evitar que um cavalo-marinho seja contado mais de uma vez, é analisada sua “coroa” — uma estrutura sobre a cabeça deles.

— É um osso que funciona como impressão digital da espécie, por ser único em cada indivíduo — explica Natalie. — Fotografamos cada cavalo-marinho e, depois, comparamos no computador.

Os corais, por enquanto, são os maiores beneficiados com a criação da área protegida. Ganham, ali, uma fazenda — uma área submarina em que fragmentos quebrados da espécie crescem e, assim que estiverem maduros, são distribuídos para outras regiões de Búzios.

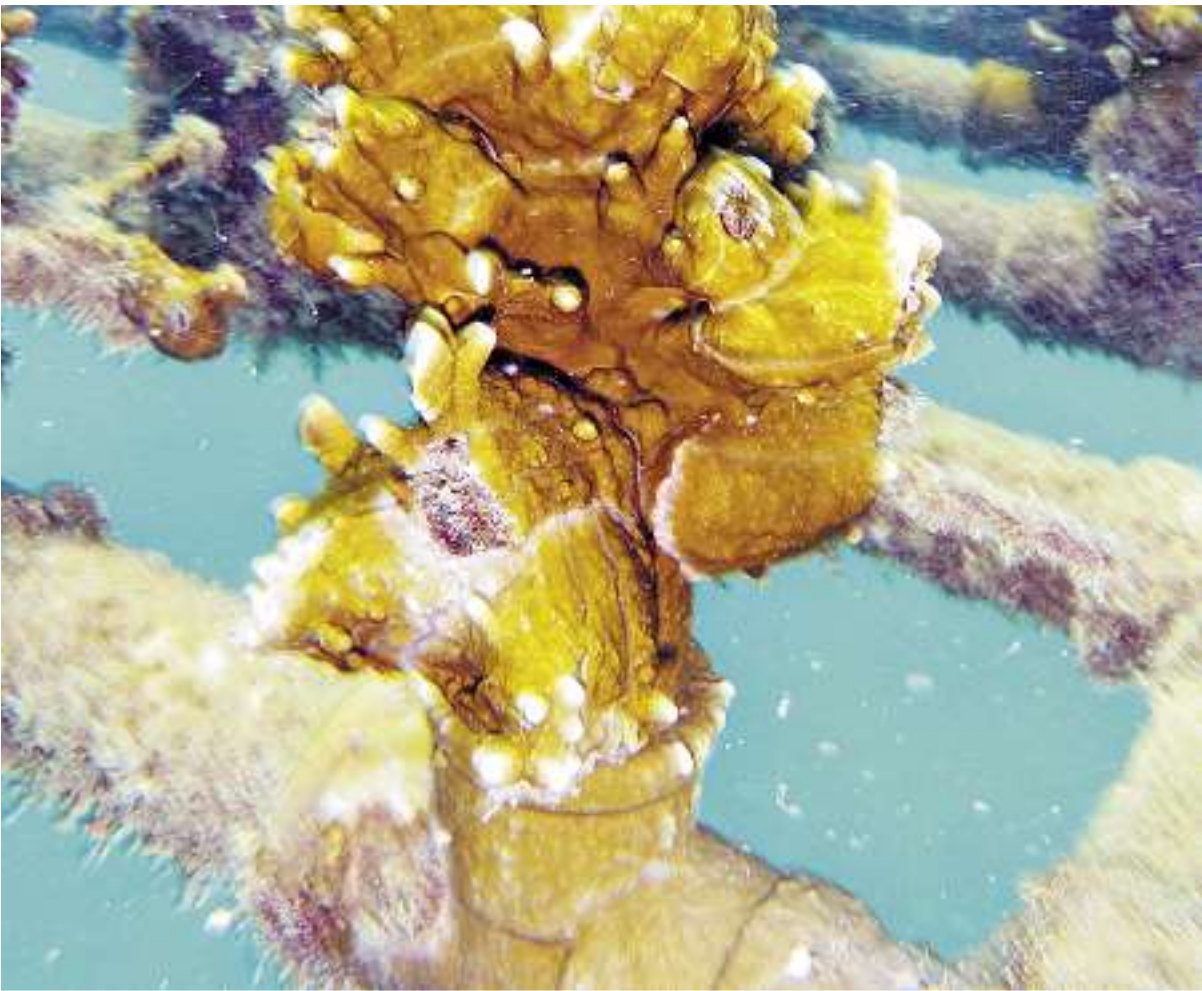
A região do litoral que vai do Rio de Janeiro ao Espírito Santo tradicionalmente não é rica em corais. A exceção era, justamente, a costa de Búzios, considerada por pesquisadores um verdadeiro oásis por suas formações coralinas. A aproximação constante de embarcações e a pesca predatória destruíram boa parte delas. ●



**Cavalo-marinho.** Mesmo sem ter predadores em seu habitat, sobraram apenas 17 exemplares da espécie nas três praias de Búzios onde ele deveria ser mais comum



**Fazenda de corais.** Ali, fragmentos quebrados de exemplares são levados para poderem se desenvolver novamente



**Amadurecimento.** Espera-se que as matrizes de corais cultivadas na fazenda recuperem a população da espécie em Búzios

FOTOS DE DIVULGAÇÃO/HERALDO CARVALHO

CAVALOS-MARINHOS

## UM ANIMAL QUE VIRA ATÉ CHÁ

Populações costeiras pescavam cavalos-marinhos por acreditar que, quando secos e usados em um chá, eles curariam a asma. Outro motivo do extermínio é puramente estético: colocá-los em aquários. A captura é facilitada pelo fato de a espécie andar em grupo, formando o que os pesquisadores chamam de “mancha”. É difícil vê-los sozinhos — embora, na primeira amostragem da pesquisadora Natalie Freret-Meurer, do Projeto Coral Vivo, ela tenha encontrado apenas um exemplar na Praia de Geribá, também em Búzios.

Os cavalos-marinhos vivem cerca de três anos em seu habitat — em cativeiro, podem chegar a cinco anos. O peixe se reproduz durante o ano inteiro; a fêmea põe os ovos na bolsa do macho, responsável por incubá-los. A gestação dura cerca de 20 dias, e dela nasce de 300 a 1,2 mil filhotes. Para dar à luz uma prole deste tamanho, o “parto” pode se estender por três dias.

Apesar da fertilidade, a espécie é ameaçada por sua falta de capacidade para sobreviver. Mesmo em laboratório, apenas 1% da ninhada vai chegar à idade adulta. Ali ele passa dos 2 milímetros, seu tamanho ao nascer, para até 21 centímetros — o maior cavalo-marinho já encontrado no Brasil, aliás, estava em Búzios.

Os cavalos-marinhos têm a capacidade de nadar, mas não contra a maré. Usam sua cauda para se fixarem no fundo do mar e em estruturas como esponjas. Movem-se principalmente em busca de alimentos — pequenos crustáceos, larvas de peixes e vermes. O macho, quando está “grávido”, fica a maior parte do tempo enrolado.

O depósito de areia nos manguezais fluminenses dificulta o estudo de cavalos-marinhos neste ecossistema, onde, no Nordeste, o animal é mais comum.